

# TALKING QUEER

Archive. Activism, Creative Disruptions

Entrevistador: Caio Simões de Araújo

EPISÓDIO 3 – UM ARQUIVO DE SENTIMENTOS, GANHOS E PERDAS: uma conversa com Pawan Dhall

Neste episódio, nós falamos com Pawan Dhall, um ativista, autor, e fundador da Varta Trust, uma organização de advocacia localizada em Calcutá. Entre outras coisas, nós conversamos sobre o seu novo livro, *Out of Line and Offline: Queer Movements in 90s Eastern India*, que conta uma história cativante sobre a mobilização LGBT antes da era da internet.

No episódio de hoje, dou as boas-vindas a Pawan Dhall. Pawan tem estado envolvido no ativismo *queer* desde o início dos anos 1990, na Índia. Ele foi cofundador do *Counsel Club*, em Calcutá, um dos primeiros grupos de apoio *queer* da Índia, criado em 1993. Hoje, ele lidera a organização sem fins lucrativos *Varta Trust*<sup>1</sup>, que se dedica à publicação de conteúdo e advocacia sobre temas de gênero e sexualidade. Entre outras coisas, hoje falamos sobre seu novo livro *Out of Line and Offline: Queer movement in 90s Eastern India*.

Pawan, seja bem-vindo ao podcast.

Obrigado, Caio. Estou contente por estar aqui.

No livro, você explora o arquivo de uma das mais antigas organizações *queer* de Bengala Ocidental, o *Counsel Club*. Nos conte um pouco mais sobre o contexto do seu surgimento. Como aconteceu?

---

<sup>1</sup> *Varta* significa “diálogo” em Hindi.

O *Counsel Club* foi, na verdade, um entre vários grupos de apoio *queer* que surgiram na Índia no início dos anos 90. Naquela época, não tínhamos internet, mas havia redes de pessoas *queer* em formação por todo o país, indo até o exterior. Nessa época, conheci outras pessoas que achavam que era preciso criar um grupo de apoio *queer*. Então, em agosto de 1993, nós nos reunimos para iniciar o *Counsel Club*. Também revivemos uma antiga publicação LGBT que se chamava *Pravartak*<sup>2</sup>, com o novo título de *House Journal of Counsel Club*. E foi assim que tudo começou.

**Então o *Counsel Club* existiu por vários anos, e você fazia parte dele. Por que você decidiu escrever o livro e contar essas histórias agora?**

O livro tem estado em gestação desde muito tempo. O *Counsel Club* existiu de 1993 a 2002. Depois disso, eu trabalhei no setor não-governamental por quase 12 anos. Também comecei a me conectar e a mobilizar outras pessoas para criar uma publicação eletrônica, uma *webzine*, que seria como um renascimento do antigo jornal *Pravartak*. Seria em um formato diferente, é claro, porque, entretanto, os tempos mudaram. Hoje em dia, uma pessoa precisa reconhecer as interseccionalidades. É preciso perceber que uma pessoa *queer* é mais do que apenas uma pessoa *queer*. Ela ou ele ou ile podem ter outras marginalidades, em termos de casta, classe, raça, ou localização. Então nós tínhamos tudo isso em mente quando criamos a *webzine Varta*, em 2013. Uma das coisas que queríamos que a *Varta* fizesse era olhar para o passado, para as histórias *queer*, para os arquivos. Também queríamos documentar histórias orais, conduzir entrevistas com pessoas que presenciaram vidas *queer* nas décadas de 1950 e 1960, e assim por diante. Sentimos que, à medida que os movimentos LGBT estranhos avançavam, não podíamos esquecer o passado. Tínhamos que olhar para trás e aprender com o passado, e também perceber que as coisas não caíram do céu. Quaisquer sejam as liberdades que alguém tenha hoje, elas são resultado de um processo, e no passado houve pessoas que lutaram por elas. Portanto, essas são histórias inestimáveis, que não podem ser esquecidas. E então eu pensei: por que não redirecionar todo esse esforço que estávamos a fazer para um projeto de jornalismo narrativo? E eu acho que este era o momento certo para fazer isso, não apenas porque os movimentos *queer* na Índia haviam completado quase três décadas de existência, mas também por causa dos importantes veredictos judiciais que vinham sendo proferidos no país, em termos de direitos de cidadania para pessoas transgênero e da descriminalização de pessoas *queer*. Tudo isso criou um ambiente onde um livro sobre o assunto era necessário.

---

<sup>2</sup> *Pravartak* significa “defensor de uma causa” em Hindi.

**No livro, você mostra como a mobilização política *queer* moldou a vida das pessoas ao longo de várias décadas. Neste sentido, você entrevistou várias pessoas e pediu para que elas olhassem para seus anos de ativismo nos movimentos LGBT. Por que você decidiu realizar o projeto desta forma?**

Acho que aconteceu de forma bastante natural. Eu decidi que eu precisava contar histórias de vida, conversar com as pessoas, me aprofundar nas suas experiências. Eu já conhecia quase todas essas pessoas por muito tempo, e eu estava curioso para saber o que havia acontecido com elas depois de tantos anos. Ao mesmo tempo, as pessoas, em geral, constantemente me perguntavam se o movimento *queer* havia levado a algo positivo, se havia mudado a vida das pessoas. E eu sempre dava uma resposta curta, no sentido de dizer que houve mudanças na lei e nas políticas públicas. Mas esta era uma resposta insatisfatória. Eu, pessoalmente, queria saber mais. Por eu próprio ter estado envolvido nos movimentos LGBT, eu também estava curioso para ouvir de todos os outros envolvidos, como eles se sentiam três décadas depois. O passado de ativismo havia significado alguma coisa para eles? E por acaso ainda significava alguma coisa hoje? Essas eram as perguntas que eu tinha na cabeça, e é por isso que escolhi essa abordagem.

**No livro, você reconhece que você teve alguma dificuldade em inserir a si próprio nesta narrativa. Pode elaborar sobre isso?**

É algo muito difícil de resolver. Eu fiz parte dos movimentos. Eu fui o organizador de muitas atividades e projetos que provavelmente impactaram a vida das pessoas com quem conversei. Então, escrever este livro foi quase como uma avaliação de mim mesmo, no sentido de que eu queria que todos fossem absolutamente francos, brutais se necessário. Eu queria que eles se sentissem à vontade para falar com o coração. Mas ao mesmo tempo, eu também estava com um pouco de medo de como eu me sentiria, caso houvesse alguma crítica. Quando o processo de escrita começou, eu tinha todos esses pensamentos e dilemas na minha mente. E eu decidi que deveria colocá-los no próprio livro, porque eu precisava ser honesto com o leitor.

**Como o próprio título sugere, o livro conta uma história da mobilização offline, antes dos celulares, antes da internet. Olhando para trás, como você acha que a internet mudou as coisas?**

Acho que a Internet tem sido uma faca de dois gumes. Ela acelerou as coisas, e ajudou muito em termos de conectar pessoas. Mas nós também sabemos que o mundo virtual tem suas próprias desvantagens. Às vezes, a Internet pode acentuar ainda mais a marginalização de comunidades já marginalizadas. Do ponto de vista dos movimentos *queer*, acho que houve uma certa perda. Antigamente, havia uma certa proximidade que vinha de estarmos juntos, fisicamente juntos, a escrever cartas, a planejar eventos, e coisas do tipo. E isso possibilitava que nós criássemos um vínculo

muito mais forte do que o que existe hoje. É o que sinto, e por certo outros da minha geração sentem o mesmo. Hoje, as pessoas *queer* crescem com muita informação disponível, mas com muito poucas opções, muito poucas pessoas por perto para ajudá-las a entender essa informação. Claro, existem linhas de apoio, existem profissionais de saúde mental. Mas não acho que um profissional possa substituir um amigo, um amigo *queer*.

**Voltando à questão do arquivo, no livro você trabalha com o arquivo das cartas recebidas pelo *Counsel Club*. Você descreve como essas cartas falam sobre desejos, sobre o amor, sobre esperança, sobre desespero. Então, de maneira crucial, este é um arquivo feito de sentimentos. Enquanto escritor, como você navegou este material?**

Eu diria duas coisas. A primeira é que quando olho para estas cartas, sinto que elas dão uma visão muito profunda e rica sobre vida sexual dos indianos. Em geral, elas são um reflexo da luta pela qual a Índia, como sociedade, estava passando, e ainda está passando, em termos de conseguir aceitar a sua diversidade sexual. Se a Índia fosse uma pessoa, então seria uma pessoa com um bilhão de personalidades, uma vez que existem inúmeras variações em termos de como as pessoas veem questões sexuais e de gênero, de como vivem o amor, o sexo, o desejo, e tudo isso. As pessoas são na verdade muito mais diversificadas do que muitos indianos gostariam de acreditar. E se você, como sociedade, não consegue aceitar essa diversidade, então você não vai ser um lugar feliz nesta Terra. A Índia não será um lugar feliz nesta Terra. Eu tenho ainda um segundo pensamento sobre essas cartas serem um arquivo de sentimentos. Me parece que quando nós falamos sobre movimentos *queer*, falamos sobre a imagem macro. Se você olhar as manchetes dos jornais, encontrará apenas a imagem macro, que não nos diz o que está acontecendo mais profundamente na sociedade, ou nas vidas das pessoas *queer*. Mas se você conseguir se aprofundar nas camadas, você consegue encontrar essas histórias individuais, as micro-histórias. Se você olhar, digamos, para uma Parada do Orgulho LGBT acontecendo em Calcutá ou Mumbai, você vai ver milhares de pessoas. Juntos, como uma massa, eles estão encenando uma Parada do Orgulho LGBT. Mas e as histórias individuais? Foram estas histórias que se tornaram interessantes para mim.

**Você sugere que a experiência da discriminação social acaba levando as pessoas *queer* a inovarem constantemente. Você acha que a criação de arquivos *queer* pode ser também uma forma de inovação?**

Sim, é uma inovação no sentido de que é muito importante para as pessoas *queer* contar as suas próprias histórias. Isso pode ser feito na forma de webzines, como a Varta, ou na forma de filmes, ou quaisquer outros textos literários. E a criação de arquivos é uma outra forma de divulgar nossas

próprias histórias. E, de qualquer maneira, a escrita da história é uma questão muito controversa. Não acho que nenhuma história seja perfeita. E eu não estou dizendo que o que está no meu livro é a verdade exata, certamente não é. O livro depende da maneira como as pessoas falaram comigo, e da maneira como eu as entendi. Então, a história é sempre muito subjetiva. Mesmo assim, é muito importante que as pessoas marginalizadas consigam narrar as suas próprias histórias. E o arquivo é definitivamente muito importante, pois ele nos ajuda a contar nossas próprias histórias sobre a maneira como começamos nossas lutas, sobre as nossas lágrimas e risadas, as nossas alegrias e tristezas, e tudo mais.

**Pensando nisso, qual é o potencial do arquivo para a mobilização *queer*?**

Acho que, à medida que avançamos na nossa luta, também precisamos olhar para o passado. Hoje, sinto que mais do que o casamento entre pessoas do mesmo sexo, o que precisamos é de mais mobilização interseccional para implementar medidas anti-discriminação. Mas para que qualquer advocacia aconteça, precisamos de uma base de evidências. Essencialmente, nós precisamos de histórias. Nós precisamos de números, mas também precisamos de histórias. E é aí que entram os arquivos, porque os arquivos podem nos dar essas histórias, podem nos dar a substância de que precisamos para incentivar as pessoas a pensarem diferente, para estimular mudanças nas políticas públicas, nas práticas sociais. Os arquivos trazem muitas histórias sobre como a discriminação têm ocorrido ao longo dos anos, e essas histórias relevam a natureza e a extensão da perda que as pessoas sofreram por causa da discriminação. E eu acho que aí está o potencial do arquivo, em termos de mobilização política ou de advocacia.

**Obrigado, Pawan, por este bate-papo incrível.**

Obrigado. Eu gostei de compartilhar os meus questionamentos. E eu pretendo escrever mais. Existem muitas outras histórias em torno dos movimentos *queer* que eu gostaria de contar. E quanto mais eu ouvir das pessoas, melhor.

**Obrigado.**